

NO CINQUENTENÁRIO DA FACULDADE DE MEDICINA DE PÔRTO ALEGRE

Um pouco de História

Antônio Bottini

A promulgação da Constituição Estadual de 14 de julho de 1891, impressionou desagradavelmente todos aquêles, que diplomados por outras Faculdades Superiores do Império, ou da República, exerciam as profissões liberais no Rio Grande do Sul.

Essa impressão desagradável surgiu por que os constituintes inscreveram naquele estatuto a LIBERDADE PROFISSIONAL.

Era o resultado da Filosofia Positivista de Augusto Comte, transformado pelo nosso espírito botocudo em religião. E foi um dogma. Fazia-se mister uma reação. Atacar a liberdade profissional pelas colunas dos jornais, seria a pior das políticas, por que o articulista tornar-se-ia herezearca do dogma novo e incorreria nas iras de Júpiter.

Os Farmacêuticos, de Pôrto Alegre, tomaram a iniciativa, promoveram a fundação de uma sociedade para a defesa dos interesses morais e profissionais da classe, nascendo assim uma força aglutinadora capaz de enfrentar a aspereza da luta que iria ser dura, mas sublime e grandiosa, porque defendia direitos impostergáveis.

À frente do movimento estavam: Alfredo Leal, João Daudt Filho e Virginio Appel, surgindo assim a União Farmacêutica, fundada em 16 de setembro de 1894.

Nos estatutos da novel sociedade, entre as suas finalidades, figurava um dispositivo taxativamente expresso: FUNDAÇÃO DE UM CURSO LIVRE DE FARMÁCIA.

Era a primeira crítica construtiva honesta e objetiva que se fazia ao tabú constitucional positivista e talvez, a mais importante das missões da nova associação.

Nessa tarefa os membros da União Farmacêutica consagraram o melhor de seus esforços e empenharam-se a fundo no trabalho, com amor, idealismo e desprendimento.

É de inteira justiça evidenciar os nomes dos destemidos lutadores dessa batalha, entre os demais trabalhadores: Alfredo Leal; Francisco Carvalho de Freitas (a quem tenho a honra de substituir na cátedra); Arlindo Caminha e êsse velho respeitável que aí está, encaecido, mas rijo pela têmpera de aço, que foi

nosso venerando mestre, Cristiano Fischer, octogenário, e, também o octogenário Manoel da Silva Pereira, que atualmente no Rio, tenho a honra de representar nas solenidades de hoje. Assim, um ano depois, ouvido Júlio de Castilhos, então Presidente do Estado, isto é, aos 16 de setembro de 1895, estava fundada a Escola Livre de Farmácia e Química Industrial de Pôrto Alegre.

Na antiga Escola Normal, onde hoje funciona a Repartição Central de Polícia, ali naquelas duas salas onde está instalado o Gabinete de Identificação, cedidas pelo govêrno, foi instalada em fevereiro de 1896 a novel Escola Livre de Farmácia, podendo usar os Laboratórios de Física e Química da Escola Normal e o de Bacteriologia da Diretoria de Higiene do Estado. As aulas tiveram início no ano seguinte com a frequência de trinta e cinco alunos matriculados na primeira série. Pode-se dizer, sem receio de errar, que as iniciativas dos grandes idealistas são assim, nascem pobres, humildes nos porões, para depois crescerem, desenvolverem-se e darem frutos ótimos e abundantes. Tal como aquela obra gigantesca, não só pela grandeza arquitetônica, mas principalmente pelo bem que tem feito à humanidade, o hoje INSTITUTO PASTEUR de PARIS, fundação genial de Davaine e Louis Pasteur, também começou suas atividades num porão.

A seriação do Curvo Livre de Farmácia merece ser registrada por que era já um índice de larga visão e perfeito conhecimento do metier. O curso era feito, como hoje, em três anos e não era uma improvisação, ei-lo:

- 1.^a série — Física Experimental
Química Mineral
Princípios de Mineralogia.
- 2.^a série — Botânica e Zoologia
Química Orgânica
Química Biológica e Microscopia.
- 3.^a série — Matéria Médica e Terapêutica
Química Analítica e Toxicológica
Diz o velho Sarmento Leite, de saudosa me-
Fármacia teórica e prática.

mória, nos Dados Históricos publicados no 1.^o número da “Revista dos Cursos” — de 25 de julho de 1915 e onde colhi êstes dados, o seguinte: “Já nesse tempo, como se vê, o espírito atilado e esclarecido de Alfredo Leal tinha previsto o importante papel que devia representar a Química Biológica, indispensável para o estudo sério e científico da medicina, disciplina que, infelizmente e sem se saber o motivo, tem sido banida dos programas das Faculdades de Medicina oficiais”.

O exemplo dos Farmacêuticos estimulou e tempos depois alguns médicos, provavelmente impressionados com os desastres das COMADRES que APARAVAM os BEBÊS e apesar da tão decantada LIBERDADE PROFISSIONAL, encabeçados por Protásio Alves, Sebastião Leão e Dioclecio Pereira, fundaram um Curso de Partos em 1897 e que no mesmo ano funcionou na Santa Casa de Misericórdia. Em meados de 1898, atendendo ao real aproveitamento dos alunos da Escola de Farmácia e do Curso de Partos, levando em conta que o Hospital da Santa Casa de Misericórdia era um vasto campo de observação e considerando que em Pôrto Alegre exerciam a Medicina muitos médicos de competência e saber indiscutível, surgiu a idéia da fundação de uma Faculdade de Medicina.”

Houve convergência de esforços da Escola de Farmácia e do curso de Partos e após várias reuniões preparatórias dos respectivos diretores Farmacêuticos Alfredo Leal e Dr. Protásio Alves, fundou-se, em sessão solene, pela fusão dos dois cursos, aos 25 de julho de 1898, a Faculdade Livre de Medicina e Farmácia de Pôrto Alegre, nome que conservou até 1911. Nessa novel instituição, surgida com o apoio de Júlio de Castilhos, então Presidente do Estado, que previamente tinha sido consultado e que dera o seu apoio integral, em notável carta existente no arquivo da Faculdade, funcionavam os seguintes cursos:

- a) de Medicina
- b) de Farmácia
- c) de Odontologia
- d) de Obstetrícia
- e) de Química Industrial.

A primeira diretoria ficou desde logo constituída assim:

Protásio Alves — Diretor.
 Alfredo Leal — Vice-Diretor.
 Carvalho de Freitas — Secretário.

Aos 15 de março de 1899 começou o funcionamento normal da Faculdade de Medicina e Farmácia de Pôrto Alegre, tendo dado a primeira aula o Professor Sarmento Leite que foi o TITÃ da resistência e o consolidador dessa “obra fecunda da liberdade de ensino”, como deixou escrito no livro de Visitas o Sr. A. A. Borges de Medeiros, quando no ano de 1906, acompanhou, em visita à Faculdade, o Conselheiro Afonso Pena, então Presidente eleito da República.

Apenas entrou em funcionamento, os fundadores que haviam feito obra honesta, séria e limpa, dirigiram-se aos poderes da República, para que os títulos expedidos fôsem válidos em todo o território Brasileiro. Requerida a inspeção para efeito de equiparação às congêneres oficiais, ao Ministro da Justiça, foi nomeado Delegado-Fiscal o Dr. Balduino do Nascimento que visitou pela primeira vez o estabelecimento aos 16 de outubro de 1899. Apoiado no relatório do Delegado-Fiscal o então Ministro da Justiça exigiu, para o reconhecimento, equiparação dos programas de ensino aos dos estabelecimentos congêneres oficiais. Tal resolução foi unânimemente repudiada pela Congregação da Faculdade, que resolveu apelar para o Poder Legislativo, de onde se poderia alcançar o que se desejava, sem o sacrifício dos programas e da seriação.

Então o corpo discente que era numeroso, pois começara em 1899 com 67 alunos matriculados, sendo: dezoito de Medicina; quarenta e um em Farmácia; três em Odontologia e cinco em Obstetrícia, acrescidos dos matriculados em 1900, apelou para a Congregação, solicitando que se atendessem às exigências do Sr. Ministro, de vez que a solução pelo Poder Legislativo seria morosa.

A Congregação atendeu ao apêlo dos estudantes, tendo em vista uma nova reforma do ensino que estava sendo elaborada.

Em consequência disso, foram sacrificadas no curso de Medicina as cadeiras de Química Biológica que, incorporada às Químicas mineral e orgânica, recebeu o pomposo nome de Química Médica, onde da Biológica, pelo programa oficial, não se escandalizem, figuravam uns pontinhos de brinquedo: Saliva-Bile — Suco Gástrico — Leite — Albuminóides. SÓ, SÓ, sem mais nada.

A cadeira de Física Experimental passou a denominar-se Física Médica, como um curso complementar, lecionado em 4 meses, sem exame; a de Patologia Geral, ou filosofia da Medicina, simplesmente desapareceu do curriculum.

Do curso de Farmácia quase nada sobrou, reduzido a dois anos e donde foram suprimidas as cadeiras de Químicas Biológica, Analítica e Toxicológica; Física Experimental e Bacteriológica. Foi o curso reduzido à miséria, mas dura lex... sed lex... os diplomas deveriam ser legitimados, era o sacrifício exigido pela lei, embora essa lei prejudicasse o ensino. Assim a Faculdade viveu, sob o regime de inspeção Federal, desde 16 de outubro de 1899 até 5 de abril de 1911, advento da Lei Rivadávia que, calcada em moldes positivistas, aboliu os privilégios dos títulos acadêmicos e deu autonomia didática às Faculdades.

A Congregação da Faculdade de Medicina e Farmácia de Porto Alegre rejubilou-se com a autonomia didática. Reformou os estatutos, introduziu profundas modificações na seriação do curso médico pela criação de novas cadeiras, dignificou o curso de Farmácia elevando-o a três anos e criando também novas cadeiras, embora cometendo a grave injustiça de modificar o nome de Faculdade Livre de Medicina e Farmácia de Porto Alegre, pelo de Faculdade Livre de Medicina de Porto Alegre; era a filha esquecendo a sua CÉLULA-MÁTER.

Enquanto o ensino aviltou-se, corrompeu-se, mercê dos embusteiros, enchendo o Brasil de Escolas que eram verdadeiras espeluncas de traficância, a Faculdade de Medicina de Porto Alegre se impôs pela sua pobreza honrada e honesta, não explorou a liberdade de ensino, grande postulado que defende e prezo, para o transformar em licenciocidade, não, fez da seriedade o seu apanágio e o seu orgulho, derivando daí a sua grandeza.

Parecerá aos que lerem êstes apontamentos que tudo navegou em mar-de-rosas, sob um céu azul de cobalto, escampo, limpo e esbatido de luz. Não, aos oito anos de vida, a navegar pelas retas da ciência, o mar se encrespou, o céu carregou-se de nuvens e, ao ribombar do trovão de Júpiter, a tempestade desabou cruel e implacável.

Mas não se faz vinho sem machucar a uva e, quanto mais pisada for a uva, tanto mais capitoso será o vinho.

Apesar da convergência de esforços, apesar do idealismo construtivo, a congregação da Faculdade era formada de homens livres; daí surgiram duas correntes no seu seio. Uma idealista que queria a Faculdade vivendo da ciência e pela ciência, sem se abroquelar ao sistema filosófico do Estado. Queria-a LIVRE de tutela. A outra só compreendia a Faculdade se estivesse atrelada ao carro da governança do Estado, do Sr. A. A. Borges de Medeiros. Êste,

aliás, fez tudo ou permitiu que os seus áulicos o fizessem, para matá-la. A luta foi hercúlea, titânica, dura, mas foi galhardamente vitoriosa. E rendo aqui a minha respeitosa homenagem ao Sr. A. A. Borges de Medeiros que, após verificar que apesar da guerra violenta declarada contra a Faculdade de Medicina e Farmácia de Porto Alegre, vendo que a mesma por que era fruto do idealismo desinteressado, resistia a todos os embates, por maiores que fossem, pois tinha fôlego de gato, estendeu-lhe a mão e amparou. Foi talvez a experiência vivida que lhe ensinou o melhor caminho, pois estimulava a fundação de não sei quantas Faculdades de Medicina e tôdas acabaram em grossas borracheiras, envergonhando perante o público o seu acalentador. Decepcionado, voltou-se então para aquela que êle julgara má por que lhe foi repugnante atrelar-se a um sistema filosófico que atentava contra a LIBERDADE de pensar dos seus docentes e discentes.

A luta que era a princípio silenciosa e apenas se feria em floretes elegantes, com luvas de pelica e punhos rendilhados, um dia explodiu violenta. Foi a gôta de água que fez transbordar o copo, a reprovação de uma tese de doutoramento, orientada por uma corrente e tendo por argüidora uma comissão da outra. Veio para a rua, então, o que só existia latente e intra-muros, até ao fim do ano de 1906.

Afrontando os poderosos, ficou o corpo discente por unanimidade e a maioria da Congregação. É de inteira justiça que aqui registre alguns nomes dessa resistência titânica e heróica: Sarmento Leite; Serapião Mariante; Carvalho de Freitas; João Dias Campos; Freire de Figueiredo; Luiz Masson; Artur Franco; Fredrico Falk; Diogo Ferraz; Octávio de Souza; Carlos Wallau; etc. etc., todos mortos. Vivos, como padrão de glória, octogenário, residindo na capital da República, Olinto de Oliveira e aqui entre nós os velhos Cristiano Fischer, Gonçalves Carneiro e Sarmento Barata.

As uvas foram muito bem machucadas, o vinho ficou maravilhoso; por mais que o tentassem, não conseguiram que êle se corrompesse e, ao envelhecer, se transformou em néctar.

Quando, em 1908, sendo Presidente do Estado o Dr. Carlos Barbosa, professor honorário da Faculdade, após a borrasca que se arrastou cruel e impiedosa, durante todo o ano de 1907, foram empossados nos cargos de diretor e vice-diretor, respectivamente, Serapião Mariante e Sarmento Leite, êste pronunciou na sessão de posse, aos 19 de agosto, magnífico discurso inédito, que transcrevo:

“Meus Senhores. Quis a fatalidade, em um dos mais felizes dias de minha vida acadêmica, privar-me, pela doença, de tomar pessoalmente parte nos festejos comemorativos do 10.^o aniversário de nossa Faculdade, realizados con dignamente por professôres e alunos, como que formando uma corporação única.

“Contudo, meu pensamento acompanhava todos êstes aprestos festivos, meu coração era convosco, e, em testemunho à verdade e de reconhecimento, devo dizer que, graças à vontade de colegas e à consideração de alunos, eu estava ao par de todo êste movimento de ála cre entusiasmo pelas notícias que, a respeito, uns e outros iam me levar, o que, até certo ponto, era um lenitivo a meus males.

“Tal data, em que vi realizada uma das minhas aspirações — qual a confraternização cordial entre mestres e discípulos, levada a efeito em volta dêste estandarte simbólico, sobre o qual muito já se disse e que será nosso guia nas pugnas futuras — tal data, digo, a mim pareceu marcar o têrmo desta lamentável campanha que vimos travada em tôrno dêste Instituto que, certamente, entrou em uma nova fase de real e duradouro progresso.

“E de fato, há um ano e pouco, denso e negro nevoeiro toldou a atmosfera límpida e serena dêste templo, em que só deveriam ter agasalho a paz, a justiça, o amor e a ciência, e a muitos se afigurou que êste monumento levantado com tanto labor, erguido à custa de tanto esforço e diante do qual nos temos *pas mado de júbilo patriótico*, se esboroaria ao sôpro de um vento caprichoso e impertinente, como se fôra um brinco infantil, um castelo de cartas.

“E os que assim entendiam, deslembavam que à frente dêle estava um atleta moral pela probidade nunca desmentida, pelo talento de elite, pelo caráter de têmpera, pelo critério invejável, servidos por uma louvável prudência aliada a uma necessária firmeza, um devotado em extremo, um abnegado até o sacrifício, um verdadeiro médico e competente cirurgião, guarda fiel da dignidade secular da família médica, nosso querido Diretor, Dr. Serapião Mariante, escorado neste punhado de lutadores invencíveis, tendo na última fila o mais humilde, o mais obscuro, mas também o mais otimista, sempre pronto a aparar os golpes para não atingirem o chefe, pois que, senhores, neste combate incruento, o perigo estava na retaguarda, nesta desigual partida, as cartas estavam ocultas e o jôgo era velado.

“Os receios infundados de que a anarquia estabelecesse aqui seu quartel, quebrando a

hierarquia, comprometendo a disciplina, abalando o prestígio da autoridade, perturbando nossa vida íntima, não passavam de um simples sonho — qual uma nuvem que se forma e que se esvai — no dizer de um poeta, porquanto neste lapso de tempo decorrido nenhum fato importante e sério veio ferir a disciplina, nenhuma ocorrência alterou, de leve sequer, a harmonia de nossa vida doméstica.

“E hoje a nossa Faculdade surge, quem sabe, se mais forte, prestigiada às claras pelo supremo magistrado do Estado, apoiada por uma população inteira, afagada por tôda a Imprensa, amparada por êstes mesmos valentes e denodados, acrescidos de novos e fiéis combatentes, cheios de fé, cheios de dedicação, — assim o juraram em ato público, meses atrás, nesta mesma sala — enfim, sustentada por esta plêiade de jovens, briosos, dignos, respeitadores de seus superiores, exemplarmente disciplinados e em cujo ânimo devem ter calado fundo as lições de civismo e altivez colhidas no proceder de seus velhos mestres.

“Eis aí porque, ao começar esta singela oração, filha de meu justo contentamento, desabafo de minha intensa satisfação, eu disse ser aquêl um dos mais felizes dias de minha vida acadêmica.

“E agora, aqui estou no meu pôsto de sempre, ontem como hoje, ao lado de meus colegas, defronte de meus discípulos: 1.^o para reafirmar tôda minha atividade, cada vez mais crescente, na manutenção dêste Instituto e minha solidariedade ao Sr. Diretor; 2.^o para agradecer àqueles a honra e a confiança a mim dispensadas no recondução do cargo eletivo em que ora me reemposso; 3.^o para declarar a êstes que qual pai carinhoso e amigo dedicado — assim deve ser o verdadeiro mestre — continuarei a ocupar a vanguarda na defesa de seus direitos, dentro da lei, mas que neste mesmo caráter de pai e amigo, não consentirei o abuso, não suportarei a descortesia, não admitirei a infração à nossa lei orgânica; bondoso mas justiceiro, tolerante mas enérgico.”

Vencida a batalha, dura provação, verdadeira prova de fogo a que foi submetido o idealismo sadio e robusto dos FUNDADORES, veio a euforia da vitória.

A pobreza e a honradez marcadas pelas cicatrizes das refregas interna e externa eram o apanágio dêsse novel, mas LIVRE INSTITUTO.

Ninguém pensou dormir à sombra dos louros conquistados, sabe-o Deus à custa de quantos sacrifícios. Removidas as pedras do caminho, num esforço desigual de PEQUENOS

contra POTENTADOS, tratou-se desde logo de sair do prédio acanhado da Rua General Vitorino.

Era necessário conseguir um terreno e para esse objetivo voltaram-se essas vontades de aço; vencidos óbices e percalços, foi concedido um terreno no Campo da Redenção.

Contou-me, certa vez, D. Adelaide Sarmiento Leite, que um dia, entrando em casa, já ali na Rua Senhor dos Passos, o Velho Sarmiento lhe disse: — Você vá à Igreja, rezar a São José, para que o Governo faça doação de um terreno para a construção da Faculdade. D. Adelaide cumpriu a ordem. Nesse tempo a Igreja de S. José estava na Rua Marechal Floriano à direita, na quadra compreendida entre a Avenida 10 de Novembro e a Rua Riachuelo. Dias depois, entra em casa do Velho Sarmiento o Dr. Carlos Penafiel, comunicando que o Governo havia doado à Faculdade de Medicina e Farmácia, um terreno.

A pedra fundamental foi lançada aos 21 de setembro de 1911, com toda a solenidade, ali nos terrenos onde hoje se ergue o Instituto Parobé, sendo posteriormente transportada para o onde hoje se encontra o edifício da Faculdade.

Foi iniciada a construção, mas o dinheiro esgotou-se. Findou também o quinquênio governamental do Dr. Carlos Barbosa. Voltou o carrancismo.

Veu depois a primeira Guerra Mundial com cortejo sinistro de suas trágicas consequências. A construção estacionou. O desalento, pelo menos era essa a nossa impressão daquele tempo de estudante, atingiu a fibra dos batalhadores. Tinha-se a impressão de que a Faculdade fechar-se-ia no correr do ano de 1915.

Mas a Congregação, sem prévia consulta, eleje Sarmiento Leite para o posto de Diretor. A pobreza era tão grande que os Professores não percebiam vencimentos, há mais de um ano. No dia primeiro de janeiro de 1915 empossa-se Sarmiento Leite no cargo de Diretor, pronunciando estas palavras:

“Srs. Membros da Congregação.

Em que peze às convenções sociais, a praxe ou tradição escolástica, eu não posso rigorosa e completamente agradecer-vos a honrosa investidura no posto a que venho de ser guindado, porquanto se é verdade poder vosso pronunciamento exprimir alta prova de confiança que aliás muito me lisonjeia, não é menos verdade de ser esta dádiva uma de tantas que se não cobiça, nem se aceita de animo tranquilo, tantos e tão pesados os encargos que dela decorrem, tantas e tão sérias as responsabili-

dades que lhe são inerentes, a menos que se não queira desentoar ou falsear a função do respectivo titular.

Não sei mesmo se me sobrarão forças para levar a bem esta árdua tarefa em uma época tão cheia de apreensões, vindo de um lado o intenso desânimo que assoberba o corpo docente, de outro lado a dúvida, a desconfiança a solaparem o corpo discente tão baldado do necessário estímulo, e tudo como que aumentando os receios, as incertezas pelo dia de amanhã. Sem embargo, não levarei em conta meus sacrifícios até ontem, e embora alquebrado, não pela idade senão pela vida exaustiva de um magistério consciente, não pouparei novos sacrifícios, lutarei mais um pouco para manter no lugar que lhe compete pela sua própria essência, pelas suas condições intrínsecas, este Instituto de Ensino, que procurarei conservar melhorando, se possível, para glória nossa e maximé para glória deste pedaço do Brasil, nosso querido Rio Grande.

Entretanto, isolado, nada ou pouco mais de nada, poderei fazer, tendo necessidade do concurso de todos.

Assim, preciso contar com os esforços convergentes em prol do ensino, de todos os professores, que se devem alhear de suas individualidades e se reunirem em torno do único ideal — o levantamento do nível moral do ensino — preciso contar com solidariedade em toda a linha de meu companheiro de jornada, o ilustre vice-diretor, meu distinto colega prof. Wallau; preciso contar com o apoio incondicional de todos os senhores alunos, que desejo ver fortes e unidos, generosos e altivos, nobres e dignos, bem avaliando todas as causas à luz de uma sã razão, não confundindo lamentavelmente o cumprimento do dever, o respeito a seus maiores, a obediência à lei, com o servilismo, a bajulação, a subserviência; desejo e espero que continuem a proceder corretamente de modo a mostrarem a desnecessidade do capítulo — Disciplina escolar — de nosso regulamento, capítulo que eu preferia desconhecer; desejo vê-los solidários entre si e com seus mestres, a estes ligados pelos laços afetivos os mais estreitos, formando em seu conjunto um só corpo, trabalhando, na melhor harmonia de vistas, para um único e mesmo fim, o engrandecimento desta Faculdade.

Alunos hoje, colegas amanhã, professores no futuro, precisam, pois, ser educados nos princípios mais sólidos da dignidade, moralidade e probidade profissionais, consoante as belas e nobres tradições hipocráticas.

Mas, por que estou eu aqui? Senhores, jamais ambicionei êste pôsto, nunca fiz qualquer referência, por mais velada, relativamente à pretensão dêste cargo, nos tempos em que a êste respeito era procurado; encontrava sempre poderosas e eficientes razões, para indicar um colega de maior valor, de mais prestígio.

Agora, sem eu ser ouvido ou consultado, resolvesstes retirar-me da legítima obscuridade de antigo professor e modesto trabalhador.

Nesta quinzena, ontem finda, acreditei-me, mil torturas assaltavam-me o espírito, mil idéias turbilhonaram-me o cérebro: balanceei, minuciosamente, um a um todos os meus atos nesta Escola como quem pacientemente desfia as contas de um rosário, examinei sèriamente tôda minha vida acadêmica, como fazem os bons católicos que se preparam para a comunhão, e após estas horas de longa meditação, uma voz íntima assim falou:

“Sarmento, avante! viveste quase uma vida inteira para esta a que chamam tua filha mais velha, a ela consagraste o melhor de tua mocidade, por ela sofreste muitas injustiças, tuas palavras, por vêzes, foram deturpadas, tuas ações não raro, foram mal interpretadas, até mesmo a intrigas não escapaste; entretanto, sempre cavaleiro e sobranceiro sôbre estas misérias contingentes, não desanimavas, não esmorecias, sempre ao lado da Escola te achavas em tôdas as ocasiões; agora pedem-te o último serviço talvez, de ti exigem quiçá o maior dos sacrifícios, e se recuares, terás renegado todo o teu passado. Avante, pois, segue teu destino, sê digno dêste passado, cumprindo mais uma vez o teu dever, suceda o que suceder. Um dia, talvez, te farão justiça, e sobretudo lembra-te de que — os homens — os homens passam, mas as instituições ficam, atestando aos pósteros o valor das obras a que se consagram”.

Eis aí porque tive a ousadia, a audácia de comparecer a esta solenidade.

Tais as considerações que entendi, fazer, tal o apêlo franco e sincero ao corpo discente, no momento em que assumo a suprema chefia desta Faculdade, na administração da qual, de acôrdo com a promessa feita, meu programa está todo contido nos Estatutos, cuja fiel execução cabe-me observar, único compromisso com o qual para aqui entro hoje.

“Tenho dito.”

Com o otimismo que lhe era peculiar, — pois fôra eleito para fechar a Faculdade — reage e opera o milagre do ressurgimento. E o Velho Sarmento, êle que era tido como Maragato, por que se opusera ao atrelamento da Faculdade ao carro da governança positivista por que a queria LIVRE, disse:

— Vou a Borges, vou pedir, não é vergonha, nem é feio, pois não pedirei para mim, mas para a grandeza do Brasil e do Rio Grande, vou pedir para a Faculdade! Depois, como castigo, o Borges virá inaugurar aquela que êle tanto combateu e tudo fêz para aniquilar.

E assim foi. Aos 31 de março de 1924, êstes olhos que a terra comerá, viram o Sr. A. A. Borges, então Presidente do Estado, acompanhado pelo Dr. Protásio Alves, então Secretário do Interior, Professor Honorário e primeiro Diretor da Faculdade, serem recebidos solenemente pela Congregação, tôda becada.

E o Sr. A. A. Borges de Medeiros inaugurou então a Faculdade de Medicina de Pôrto Alegre que a princípio êle quis aniquilar, mas como não o tivesse conseguido, acabou por amparar.

É por isso que a FILHA MAIS VELHA DE SARMENTO LEITE que se chama FACULDADE DE MEDICINA DE PÔRTO ALEGRE completa, hoje, cinqüenta anos de util existência.

Pôrto Alegre, 25 de julho de 1948.

Entre outros que pessoalmente apresentaram, à direção da Faculdade, cumprimentos por ocasião do cinquentenário de sua fundação, por telegramas, cartas, ofícios, etc., enviaram congratulações os seguintes:

Dr. *Milton Campos* — Governador de Minas Gerais

Adail Morais — Secretário do Govêrno do R. G. Sul

Reitor da Universidade do Rio Grande do Sul

Deputado *Rubem Rosa*

" *Daniel Faraco*

" *Manoel Duarte*

" *Nicolau Vergueiro*

" *Flores da Cunha*

" *Arthur Fischer*

" *Bayard Lucas de Lima*

" *Umberto Gobbi*

" *Freitas e Castro*

" *Luiz Mércio Teixeira*

Cel. *Walter P. Barcellos* — Cmt. Brigada Militar

Dr. *Domingos Spolidoro* — Presidente da Câmara Municipal de Pôrto Alegre

Orlando Gomes Calaza — Diretor da D. M. do Ministério de Educação e Saúde

Athos Damasceno Ferreira — Dir. da Secretaria do Interior

Nelson Schneider — Dir. Geral do Dep. da Pref. Municipal

J. O. Rentszch — Pres. Leg. Bras. de Assistência

Câmara Municipal de Santa Rosa

Câmara Municipal de São Leopoldo

William Belton — Cônsul dos Estados Unidos

Cônsul da Argentina

Senador *Salgado Filho*

Antônio Leal Costa — Chefe de Gabinete do Ministro da Educação e Saúde

D. *Alexandre Martins da Rosa* — Diretor da Escola de Engenharia

Dr. *Paulo Osório* — Diretor da Fac. de Farmácia e Odontologia de Pelotas

Cesário de Andrade — Conselho Nacional de Educação

Prof. *João Daudt Filho* — Fundador

" *Olinto de Oliveira* — Fundador

" *Manoel Gonçalves Carneiro* — Fundador

" *Bernardo Houssay* — Prof. Honoris Causa

" *Ulisses Nonohay* — Prof. emérito

" *Octacílio Torres Rosa* — Aposentado

" *Manoel Louzada* — Aposentado

" *Fernando de Paula Esteves*

" *Carlos Pitta Pinheiro*

" *Mário Bittencourt* — Ex. Prof. substituto

" *Elpídio Paes* — Dir. Fac. de Direito

Dr. *Tasso Corrêa* — Dir. Instituto de Belas Artes

Aurea Prado — Sup. do Ensino Normal

Almerinda V. Correia — Sup. do Ensino Primário

Cap. *Jacinto Targa* — Dir. da Escola de Educação Física

Walter Hartinger — Conselho Reg. de Engenharia e Arquitetura

Faculdade de Filosofia

Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul

Instituto de Educação

Sociedade de Agronomia do Rio G. do Sul

Sociedade de Medicina de Alegrete

Rotary Clube de Jaguarão

Rotary Club de São Leopoldo

Dr. *Amaury Lenz* — Santa Maria

Dr. *D'Amore* — Carasinho

Dr. *L. Furtado* — São Luiz

Dr. *Gomercindo Medeiros* — São Luiz

Dr. *Roberto Osório Júnior* — Quaraí

Dr. *Saul Brum Saldanha* — Quaraí

Dr. *Ernâni Lopes* — Rio de Janeiro

Dr. *Castro Goyana* — em nome dos doutorandos de 1904 — Rio de Janeiro

Dr. *Solon Gonçalves da Silva* — Ijuí

Dr. *Sílvio Ribeiro* — Livramento

Dr. *José Carvalhal* — Pelotas

Dr. *Orlando Vinciguerra* — Prata

Dr. *Miguel Medvedoski*

Dr. *Walter Schneider*

Dr. *Normêlio Rosa e família*

Acioli Peixoto

Funcionários da Faculdade de Medicina

Casa Hermann — Pôrto Alegre

Julio V. Bordbeck — Pres. C. E. Engenharia

Benno Hofmann — Pres. da Soc. Engenharia

Ney Reinert — Pres. da F. E. Universitários

Antônio Rodrigues — Pres. do G. E. Júlio de Castilhos

Livio Ceconi — Pres. da Juventude Universitária Católica

Jorge Zivi — Pres. da G. L. S. Castro Alves — S. Maria

Vitor Morgeus — Prov. da Santa Casa de Pelotas

Dr. *Luiz Kuhl*

Dr. *Felisberto Rath*

Dr. *Florianio de Souza* — São Luiz

Dr. *J. Thomaz Zeilmann* — São Luiz

Dr. *Luiz da L. Custodio* — Quaraí

Dr. *Francisco Marques* — Quaraí

Dr. *Plínio Olinto* — Rio de Janeiro

Dra. *Alexandrina Brasil Souza* — Bagé

Dr. *Muller* — Uruguaiana

Dr. *Panaticieri* — Rio Pardo

Dr. *Hermes Pinto Afonso* — Jaguarão

Dr. *Osman Velasques*

Dr. *Heitor Cirne Lima*

Dr. *Jorge Felizardo*

Dr. *J. P. Goelho de Souza*

Filhos do Prof. *Mario Tota*

Instituto Lorenzini — São Paulo

Lutz Ferrando — Filial Pôrto Alegre

Embora já tendo agradecido a todos, por ofício, a Direção da Faculdade torna a renovar, por êste meio, seus agradecimentos.

Sociedade de Agronomia do Rio G. do Sul

Sociedade de Medicina de Alegrete

Rotary Clube de Jaguarão

Rotary Club de São Leopoldo

Dr. *Amaury Lenz* — Santa Maria

Dr. *D'Amore* — Carasinho

Dr. *L. Furtado* — São Luiz

Dr. *Gomercindo Medeiros* — São Luiz

Dr. *Roberto Osório Júnior* — Quaraí

Dr. *Saul Brum Saldanha* — Quaraí

Dr. *Ernâni Lopes* — Rio de Janeiro

Dr. *Castro Goyana* — em nome dos doutorandos de 1904 — Rio de Janeiro

Dr. *Solon Gonçalves da Silva* — Ijuí

Dr. *Silvio Ribeiro* — Livramento

Dr. *José Carvalhal* — Pelotas

Dr. *Orlando Vinciguerra* — Prata

Dr. *Miguel Medvedoski*

Dr. *Walter Schneider*

Dr. *Normélio Rosa e família*

Acioli Peixoto

Funcionários da Faculdade de Medicina

Casa Hermann — Pôrto Alegre

Julio V. Bordbeck — Pres. C. E. Engenharia

Benno Hofmann — Pres. da Soc. Engenharia

Ney Reinert — Pres. da F. E. Universitários

Antônio Rodrigues — Pres. do G. E. Júlio de Castilhos

Lívio Ceconi — Pres. da Juventude Universitária Católica

Jorge Zivi — Pres. da G. L. S. Castro Alves — S. Maria

Vitor Morgens — Prov. da Santa Casa de Pelotas

Dr. *Luiz Kuhl*

Dr. *Felisberto Rath*

Dr. *Floriano de Souza* — São Luiz

Dr. *J. Thomaz Zeilmann* — São Luiz

Dr. *Luiz da L. Custodio* — Quaraí

Dr. *Francisco Marques* — Quaraí

Dr. *Plínio Olinto* — Rio de Janeiro

Dra. *Alexandrina Brasil Souza* — Bagé

Dr. *Muller* — Uruguiana

Dr. *Panaticri* — Rio Pardo

Dr. *Hermes Pinto Afonso* — Jaguarão

Dr. *Osman Velasques*

Dr. *Heitor Cirne Lima*

Dr. *Jorge Felizardo*

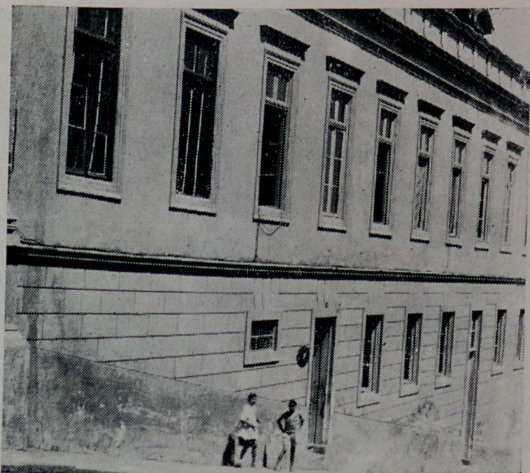
Dr. *J. P. Coelho de Souza*

Filhos do Prof. *Mario Tota*

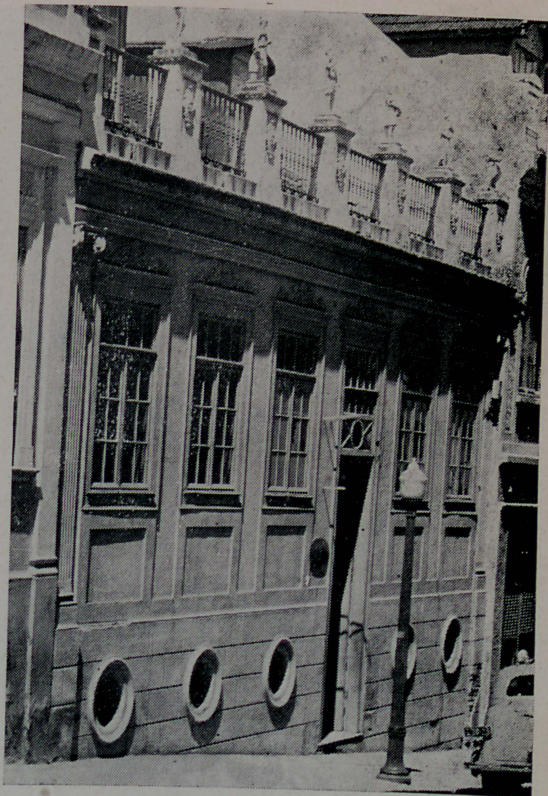
Instituto Lorenzini — São Paulo

Lutz Ferrando — Filial Pôrto Alegre

Embora já tendo agradecido a todos, por ofício, a Direção da Faculdade torna a renovar, por êste meio, seus agradecimentos.



Prédio situado na rua Mal. Floriano (Liceu), onde funcionaram os primeiros cursos médico-cirúrgicos. Neste mesmo local, encontra-se hoje instalado o Gabinete de Identificação da R. C. P.



Prédio situado na rua Gal. Vitorino, para onde foram, ao depois, transportados os cursos médico-cirúrgicos. Durante muitos anos, nele esteve instalado o Laboratório Osvaldo Cruz da Faculdade de Medicina.



Aspecto atual do edifício da Faculdade de Medicina.



No "clichê" vêm-se, da esquerda para a direita: Sr. José de Almeida Pinto, Secretário da Faculdade de Medicina; Prof. Troés da Fonseca, Diretor da Faculdade Nacional de Medicina; Prof. Edgard Schneider, Presidente da Assembléia Legislativa Estadual; Prof. Bernardo A. Houssay; Prof. Guerra Blessmann, Diretor da Faculdade de Medicina; Prof. Eloy José da Rocha, Secretário de Educação e Cultura; Desembargador Hugo Candal, Presidente do Superior Tribunal de Justiça; Sr. Dr. José Nazareth Ferreira Dias. Representante de S. Excia. o Sr. Ministro da Educação e Saúde.



Aspecto da Sessão Magna da Universidade do Rio Grande do Sul, realizada no Salão Nobre da Faculdade de Medicina, e com a qual foi recepcionado o Prof. Bernardo A. Houssay, na qualidade de doutor "honoris causa". Discursa o Prof. Guerra Blessmann, Diretor da Faculdade de Medicina.



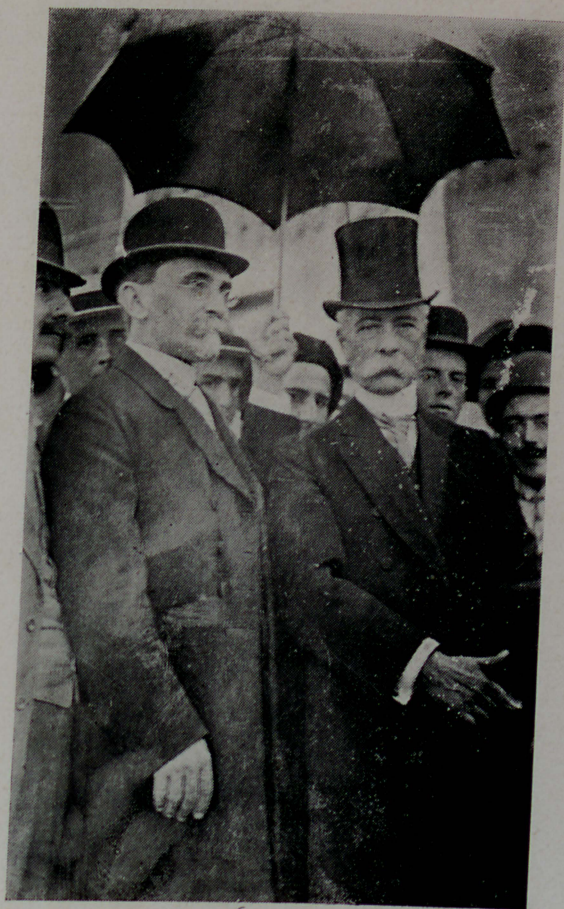
Aspecto parcial do estrado dos Profs. Catedráticos da Faculdade de Medicina, durante a referida solenidade, em que também era comemorado o 50.º Aniversário da Fundação desta escola superior de ensino.



Lançamento da pedra fundamental da Faculdade de Medicina, em 21 de Setembro de 1911.



Outra vista da mesma solenidade do lançamento da pedra fundamental da Faculdade de Medicina.



Drs. Carlos Barbosa Gonçalves e Olinto de
Oliveira.